

Joelmir Beting

"O problema do Brasil não é a inflação inercial. É o governo inercial."

Jeffrey Sachs, economista americano.



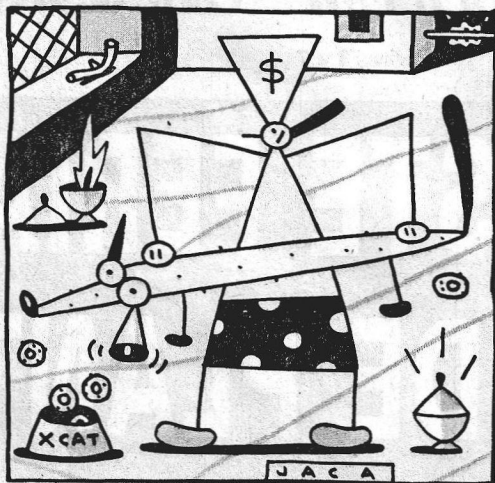
ESTADO DE SÃO PAULO O sino no gato

Objetivo ótimo: rebaixar a inflação de 27% para 17% ao mês, até dezembro. De sobremesa, o degelo da recessão, com a derrama de projetos na área social. Eis a carta de intenção que o governo Itamar Franco promete assinar na reunião ministerial de sábado. Que se abra com discurso tancrediano do presidente: "É proibido gastar mal".

□□□ Quem vai colocar esse sininho de cristal no pescoço do gato da estagflação? Para jogar a inflação no declive, em suaves supressões mensais, o programa econômico vai ter de passar pelo cadáver da indexação informal de todos os contratos e valores da economia. Temos de romper o coeficiente de realimentação inflacionária embutido no exercício da correção monetária. Que não é uma rima. Virou uma sina.

□□□ Como quebrar a correia de transmissão da inércia inflacionária? O próprio governo adianta que não pensa em apelar para intervenções heterodoxas. Nada de prefixação de preços, salários, juros e câmbio. Nada de quebra de relações contratuais da economia. Nada de desindexação financeira, insônia maior de todos os investidores ainda ressabiados.

□□□ Sem essas medidas exóticas, o governo dispõe de duas tentativas: uma técnica, outra política. A saída técnica combinaria: 1) reativação das câmaras setoriais; 2) endurecimento da legislação que enquadra e remove abusos no sistema de preços e no suprimento dos mercados; 3) abertura ainda maior das importações competitivas, vulgo cho-



que de concorrência em mercados monitorados pela cartelização nacionalíde.

□□□ A saída política estaria no afastamento definitivo da ameaça de um novo choque. O medo do choque vem patrocinando a inflação preventiva por cima da inflação inercial. A sombra do CIP e da Sunab produz idêntico efeito suicida: a colocação de gordura em todos os preços, sem ligação com distensões ou contrações da procura.

□□□ Se os agentes econômicos perderem o medo do choque, a meta de 17% ao mês, para dezembro, tornar-se-á factível. Eles voltariam a atacar o competidor. Porque, até aqui, as empresas preferem defender-se, em bloco, do interventor. Quem sai esfolado é o consumidor.